

MICHAEL CRONIN

Michael Cronin é hoje um dos autores mais produtivos na área dos Estudos da Tradução. A impressionante quantidade de publicações é formada por livros, artigos, entrevistas e ensaios cujo ponto em comum é o encontro entre a língua e a realidade social. Tradução, literatura, globalização, turismo, identidade, história, arte, política: todos temas caros para o professor de fala mansa tantas vezes homenageado com prêmios e nomeações para conselhos culturais. É, por exemplo, membro da *Royal Irish Academy* e detedor do prêmio CATS Vinay Dalbernet de 2000, pelo livro *Across the lines: Travel, language and translation*, considerado o melhor livro do ano na área de Estudos da Tradução pela *Canadian Association of Translation Studies*.

Nascido na Irlanda, Michael Cronin desde cedo se viu envolvido em um ambiente de tradução, num país que estava dividido entre o inglês e o irlandês mas que também se definia por essa coexistência de línguas. O fascínio pela língua francesa chegou mais tarde, na adolescência, quando, com a ajuda de um dicionário, se maravilhou pela literatura de Marcel Proust, um acontecimento que considera uma “verdadeira revelação”. Decidiu estudar francês na graduação e no mestrado, porque queria experimentar “outra forma de ver o mundo”. O doutoramento o levou a investigações sobre o bilinguismo na literatura. Desde então, nunca mais parou de estudar e escrever, sempre de forma consistente com sua visão de língua e de tradução como fenômenos que se misturam com a vida política, social e cultural. Tornou-se professor na área de tradução na capital irlandesa, mais especificamente na *Dublin City University*, e criou nessa instituição o *Center for Translation and Textual Studies*, um centro de pesquisa que realiza estudos nas áreas de tradução assistida por computador, estudos de *corpora* na tradução,

interpretação comunitária, interpretação de conferências, tradução de filmes, pedagogia de tradução e história da tradução.

As descobertas e conclusões a que Cronin chegou com suas pesquisas sobre as línguas, a cultura e a tradução foram combinadas com sua absoluta certeza de que a tradução tem um papel essencial nos debates atuais, como os que envolvem questões de conflitos e intolerância cultural, migração e relações de poder. O objetivo de seu trabalho é mostrar como a tradução não pode ser separada do desenvolvimento cultural de povos e nações, e como o reconhecimento dessa relação pode ser útil na solução de conflitos e, conseqüentemente, na promoção do diálogo.

Alessandra Ramos de Oliveira Harden

UnB

Cadernos de Tradução (CT): *Como surgiu o seu interesse pela tradução?*

Michael Cronin (MC): Quando estava escrevendo minha tese de doutorado, cujo tópico era o trabalho de dois autores franco-canadenses (Réjean Ducharme e Gérard Bessette), comecei a me perguntar quais eram os efeitos do bilinguismo na produção literária do indivíduo. Ou seja, queria saber se havia relação entre ser bilíngue e escrever de uma forma específica, particularmente com relação a maneiras criativas de usar a língua. Passei a considerar o caso da Irlanda, sobre como a coexistência do irlandês e do inglês e a tradução entre esses dois idiomas influenciaram a língua, a literatura e a cultura irlandesas. Um aspecto mais pessoal do meu interesse por línguas e pela tradução foi o fato de ter crescido em uma família bilíngue. Meu pai falava inglês, mas a minha mãe falava também irlandês e se interessava muito por essa língua. Eu sempre fui muito consciente, desde criança, da coexistência desses dois idiomas e da minha vida nesse espaço de tradução.

CT: *Você considera o inglês ou o irlandês a sua primeira língua?*

MC: Pode parecer estranho, mas, para mim, as duas são primeiras línguas. Pelo fato de ter crescido em Dublin, onde o inglês é a língua dominante, essa língua esteve mais presente na minha vida, simplesmente porque é a língua da maioria das pessoas. O irlandês, no entanto, sempre foi muito importante e contribuiu decisivamente para a minha forma de pensar sobre as questões da tradução, e isso se reflete com muita nitidez em várias das minhas publicações. Como falante de inglês, eu vejo o mundo com a mediação dessa língua tão dominante no mundo, que tem o poder e o prestígio de que nós todos estamos cientes. Mas, como falante de uma língua minoritária, também sei o que é ver o mundo através dessa outra língua, que tem um número muito reduzido de falantes, que sempre enfrenta dificuldades e ameaças e que lida com a tradução o tempo todo. Esse tipo de estereoscópio, de impressão ou experiência linguística bifocal, é sem dúvida, um fator relevante na formação do meu pensamento e das minhas opiniões. Com certeza, explica a minha atração por determinados fenômenos, como a globalização, por exemplo.

CT: *Você traduz profissionalmente? Com quais línguas você trabalha, em termos de tradução?*

MC: Inglês, irlandês e francês. Minha atuação profissional envolve três tipos de atividades. O primeiro está relacionado com o trabalho de intérprete, na maioria das vezes com interpretação bilateral para órgãos governamentais, organizações internacionais e empresas privadas. Um segundo aspecto do meu trabalho é a tradução de textos pragmáticos, especialmente nas áreas de história da arte e de telecomunicações, e de documentos sobre direitos humanos, quase sempre de francês para inglês. O terceiro ramo de atividade é a tradução de contos e outros tipos de prosa, do irlandês para o inglês e para o francês.

CT: *Como se iniciou a sua carreira como autor na área de teoria da tradução?*

MC: Minha tese de doutorado foi o primeiro texto que produzi relacionado a questões teóricas da tradução. Nessa mesma época, comecei a ensinar tradução na *Dublin City University*, em Dublin, onde estou até hoje, o que me levou a refletir mais ainda sobre os aspectos envolvidos nessa atividade. No entanto, na primeira vez que proferi uma palestra sobre teoria da tradução, o tópico estava ligado a um outro interesse meu, que é a relação entre as ciências exatas e as ciências humanas e como a tradução une esses dois campos do saber humano. Isso foi em uma conferência em Maastrich, na Holanda, em 1986. Mais ou menos nessa época, eu descobri o trabalho de Susan Bassnett e de Lawrence Venuti. Para mim, foi como uma revelação, porque muito do que era feito no final da década de 1980 nos Estudos de Tradução era marcadamente influenciado pelo paradigma linguístico. Eu achava que muitos fenômenos sociais, culturais e políticos, associados à tradução, eram simplesmente ignorados. Esses autores (Bassnett e Venuti), ao contrário, escreviam sobre a tradução sob uma perspectiva política e cultural. Foi também nessa conferência que conheci a pesquisa em história da tradução, feita por pessoas como Jean Deslisle. Lembro-me claramente de ouvi-lo falar sobre as questões históricas ligadas à tradução e sobre como o trabalho dos tradutores era relevante no contexto dos avanços e mudanças sociais, políticos e culturais. Isso me levou a pensar na situação da Irlanda. Nós tivemos a substituição de uma língua por outra no século XIX, e, por isso, eu imaginava que a tradução fosse um elemento constante na literatura sobre a história irlandesa. Entretanto, descobri que, com a louvável exceção de um ou dois pesquisadores, a tradução foi completamente desconsiderada. Decidi fazer alguma coisa a respeito e o resultado foi o meu livro *Translating Ireland*. Fui inspirado pelo trabalho de Jean Delisle e pelos argumentos de Bassett and Venuti¹, entre outros.

CT: *O que é mais agradável ou confortável: traduzir ou escrever sobre tradução?*

MC: Não acho que essas atividades possam ser comparadas. Para mim, são tipos diferentes de desafio. Traduzir é um ato muito criativo, que nos força a pensar sobre a língua, especialmente sobre a nossa própria língua e a estar sempre buscando soluções para os “nós” que surgem no processo. Para mim, a tradução acontece em ondas. Na primeira, faço todos os trechos cuja tradução é basicamente simples e direta. Depois, tento lidar com os problemas. Muitas vezes, é melhor deixar o texto descansar um pouco. Uma referência histórica, uma piada, um termo muito especializado, podem se tornar um problema cuja solução só aparece quando eu menos espero, durante um jantar com amigos, por exemplo. Escrever sobre tradução é o resultado natural da minha atividade profissional como tradutor e intérprete. Eu costumava pensar “traduzir é uma atividade tão complexa, interessante e importante. Por que não se fala mais sobre esse processo?” A tradução está em toda parte, de guias de viagem a apólices de seguro, tudo no mundo contemporâneo envolve tradução. Na verdade, eu achava que se tratava de uma atividade que não estava recebendo a atenção que merecia.

CT: *Seu livro Translating Ireland foi publicado em 1996. Na sua opinião, qual é o papel da pesquisa em história/historiografia da tradução no contexto contemporâneo dos estudos de tradução?*

MC: O trabalho histórico tem uma função absolutamente vital. Infelizmente, hoje há menos conferências e trabalhos na área de história da tradução que nos anos 1990, quando presenciamos uma grande onda de entusiasmo nesse campo. Acho que esse desinteresse é uma pena, porque a grande maioria dos textos traduzidos não está sendo analisada. Em termos da tradução como fenômeno global, existe uma imensa quantidade de trabalho a ser feito, tanto

sobre a história da tradução escrita quanto sobre a história da tradução oral. Isso representa um grande potencial de pesquisa. A relevância desse tipo de estudo deve-se a duas razões. Uma está ligada ao que chamo de *autoentendimento local* e a outra, ao *autoentendimento global*. O local refere-se ao fato de que o desenvolvimento das nações e dos povos no futuro só é possível pelo uso que fazem de seus recursos do passado. Quanto mais uma nação traz do seu passado, mais pode usar para construir seu futuro. Se o acesso a esse passado for bloqueado ou ignorado, o que é bloqueado é o acesso aos recursos mais preciosos e valiosos desse país. E são tão preciosos porque são únicos, nenhum outro país os tem. Isso também significa que esses recursos ficarão para sempre perdidos se o povo a que estão ligados não os utilizar. Cada nação avança para o futuro com algo que é distinto e diferente, que lhe dá uma identidade e uma vantagem perante as outras nações, a vantagem de ser diferente. O que os brasileiros têm é só deles, as experiências dos irlandeses também são unicamente dos irlandeses. A tradução revela essa riqueza da diferença. A história da tradução permite reconhecer a existência de inúmeros textos que foram traduzidos para uma língua, em momentos históricos diversos, e saber como as pessoas usavam as palavras, como elas concebiam o mundo em determinada época, o que pensavam sobre o local em que viviam e que tipo de textos escolhiam para traduzir. Nós nos definimos sempre por meio do olhar do outro. É tentando entender o nosso passado e como foram os nossos encontros com outras nações que começamos a entender como a nossa identidade se desenvolveu. Se perdemos o vínculo com os registros desses nossos encontros com a diferença, nossa capacidade de criar um senso de identidade mais rico no futuro fica prejudicada. As histórias da tradução estão fortemente interlaçadas a esse autoentendimento local.

CT: *E quanto ao autoentendimento global e a história da tradução?*

MC: O autoentendimento global tem a ver com o reconhecimento da relação de interdependência entre nações e línguas. Vou dar um exemplo. A falta de referência à tradução na história da Irlanda, como citei anteriormente, pode ser explicada como um efeito do nacionalismo cultural do século XIX. Os historiadores nacionalistas queriam criar uma imagem da Irlanda como um país em que tudo era nacional, nada era estrangeiro. Queriam mostrar que a base para a independência era a total autonomia cultural e linguística. Tentaram enfatizar o que era intocado, puro, totalmente irlandês. Esse tipo de historiografia nacionalista não reconhecia as conexões com outras línguas, outras culturas e outros locais, porque elas sugeriam dependência e a dependência era vista como uma forma de sujeição e opressão. No entanto, a história da tradução revela às comunidades nacionais a dimensão transnacional inevitável que as envolve. Ela mostra que as sociedades sempre foram dependentes de seus contatos com outras culturas e locais. Mais que isso, deixa claro que elas estão abertas a esses contatos e se desenvolvem por causa deles. O que compõe a especificidade de um local é a soma desses encontros e diferenças, não algum tipo de autonomia originária que vem do nada. A dimensão transnacional é um indicador de como a história da tradução pode ajudar a evitar o tipo de nacionalismo extremista que é tão nocivo em tantas partes do mundo. Há uma grande urgência no que se refere ao trabalho em história da tradução, porque, em um mundo onde há cada vez mais conflito entre grupos diferentes, a história da tradução mostra que esses grupos estão ligados por meio da atividade tradutória. A pesquisa nessa área tem, a meu ver, uma função política e cultural vital nos nossos dias.

CT: *Seu livro lançado em 2008, Translation Goes to the Movies, explora a relação entre tradução e cinema. Como esse tema é abordado no livro?*

MC: Eu quis explorar nesse livro a representação da tradução e dos tradutores no cinema, ou seja, como esses dois elementos são tematizados em filmes do circuito comercial. Eu voltei a minha atenção para os filmes que foram sucessos de bilheteria, grandes *blockbusters*, e evitei os chamados “filmes de arte”, porque o meu argumento principal era que em filmes vistos por milhares e até milhões de pessoas, no mundo inteiro, há um interesse constante por temas ligados à tradução. Em filmes como “Onze homens e um segredo” (*Oceans Eleven*), “Doze homens e outro segredo” (*Oceans Twelve*), “Munique” (*Munich*), “Encontros e desencontros” (*Lost in Translation*) e “A intérprete” (*The Interpreter*) a tradução é um dos temas essenciais na trama. Na teoria da tradução, fala-se muito sobre a invisibilidade do tradutor, mas, com o cinema, temos o tipo mais visível de mídia mostrando a tradução e os tradutores de forma também muito visível na tela. Nesses casos, o tradutor é alguém que tem um papel central no desenvolvimento da narrativa e na representação de questões culturais, sociais, políticas e, claro, linguísticas. E isso se repete em filmes de gênero diferentes, em comédias, obras de ficção científica e de faroeste, com exemplos que vão desde “O grande ditador” (*The great dictator*), de Charles Chaplin, até a trilogia de “Guerra nas estrelas” (*Star Wars*) e “Borat”. Existe uma preocupação quase obsessiva, por parte de Hollywood, com o contato e a diferença entre línguas, com o papel do tradutor, com assuntos como proximidade, contaminação, fidelidade e infidelidade na tradução. Isso faz sentido quando nos lembramos de que Hollywood foi, em grande parte, resultado do trabalho de imigrantes. Tantos atores, produtores, pessoas que financiaram a produção de filmes e tantas outras que assistem a esses filmes são, na verdade, imigrantes, gente que foi do Velho Mundo para o Novo Mundo, por exemplo. As

questões da linguagem e das línguas diferentes, para essas pessoas, tornam-se obviamente muito recorrentes.

CT: Foi a possibilidade de trabalhar com o “tradutor visível” que o atraiu para esse tema?

MC: Além da questão da visibilidade, um outro fator que despertou o meu interesse pela relação entre tradução e cinema foi que me dei conta do quanto as pessoas, mais especificamente os alunos dos cursos de tradução, sabem sobre filmes. Elas têm um enorme conhecimento intertextual no que se refere a cinema, e esse conhecimento é pouco explorado quando falamos sobre tradução, tanto nas salas de aula quanto nos momentos em que nos dirigimos a audiências vindas de outras áreas. O cinema pode ser uma ferramenta ou recurso didático de grande utilidade para nós. É muito mais fácil deixar uma impressão duradoura se, em uma aula sobre fidelidade ou infidelidade na tradução, os alunos assistirem a uma cena em que C-3PO, de “Guerra nas Estrelas”, tem que lidar com um problema linguístico específico. É um nível que o trabalho com um texto escrito não atinge facilmente. Assim, o trabalho com filmes é uma forma de dar vida aos temas da teoria da tradução, com o uso de um meio que os alunos conhecem bem. Além disso, o livro também é voltado para os profissionais da área de cinema. O objetivo é que eles passem a ver a produção cinematográfica com novos olhos, que passem a refletir mais sobre questões de língua e sobre tradução. Na verdade, são assuntos que estão presentes mesmo quando menos se espera. A expectativa é que o conflito linguístico ocorra, claro, em um filme cujo título é “A Intérprete”. Mas ele acontece também em obras como “No tempo das diligências” (*Stagecoach*), de John Ford, lançado em 1939. Eu quis chamar atenção para a constância desses temas ligados à tradução nos filmes de Hollywood.

CT: *Você acha que é possível ensinar alguém a traduzir?*

MC: O interessante da tradução é que ela é, para mim, um tipo de jogo com pistas. Você dá uma pista e as pessoas podem entendê-la ou não. O ensino de prática de tradução é diferente do ensino de outras disciplinas. Não é como ensinar uma língua, com seus paradigmas, regras de uso do tempo passado, por exemplo. As pessoas aprendem quando podem usar o pretérito perfeito ou o imperfeito, e assim por diante. Com tradução, estabelecer um conjunto de regras é muito mais problemático, porque o uso da língua depende mais do contexto em que o texto está inserido. É uma atividade que se baseia na prática. Claro que é possível criar uma lista com algumas indicações do que o aluno deve evitar, mas a tradução é mais uma prática colaborativa. Para mim, é uma prática iminente e não algo transcendental, no sentido de não estar ligada a algo absoluto, a condições apriorísticas. É na discussão, no trabalho coletivo e colaborativo de traduzir um texto, que as coisas começam a surgir, as tendências que indicam o que se deve fazer na tradução de uma língua para outra. Não se trata de regras pré-definidas, que devem ser sempre respeitadas, mas de orientações que podem ou não ser aplicáveis, dependendo da situação específica.

CT: *Você é conhecido por seu envolvimento em debates e questões políticas e culturais. Como esse lado da sua vida se relaciona com a sua atuação como pesquisador e autor na área de teoria da tradução?*

MC: Já há muitos anos que estou envolvido nesse tipo de debate na Irlanda. Eu cresci em um país de muitos e graves conflitos. O conflito étnico na Irlanda é o segundo mais violento da Europa pós-guerra, só a Guerra da Bósnia foi pior. O fato de ter crescido em um ilha com tantas divisões políticas, culturais e militares fez com que eu me desse conta de que as comunidades têm identi-

dades e fazem alianças diversas. No caso específico da Irlanda, certa porção da população se aliou à Grã-Bretanha e outra adotou a causa irlandesa, de autonomia. Para essas pessoas, suas alianças eram muito importantes, a ponto de estarem dispostas a morrer ou a matar por elas. Como superar essa situação? Como respeitar a diferença e ao mesmo tempo permitir o diálogo? Para mim, a tradução desempenha um papel particularmente importante, porque permite que as culturas construam as suas identidades e, ao fazer isso, reafirmem as suas diferenças. Por exemplo: os ingleses, no século XVI, os franceses, no século XVII, os alemães, no século XVIII e os irlandeses, no século XX, todos começaram a usar a tradução para fortalecer e promover suas línguas nacionais. A tradução ajuda a cultivar um sentido de identidade e diferença. Mas, claro, para que possa haver tradução, é preciso haver comunicação com outra cultura e outro povo. É esse um dos efeitos da tradução: canais de comunicação são abertos. Ela também tem o poder de revelar o débito de uma cultura com a outra em termos de dependência. Pensar sobre a tradução é uma forma de deixar para trás a lógica do *ou isto/ou aquilo*, que é uma lógica binária exclusivista, de ou uma coisa ou outra, ou língua A ou língua B, ou cultura A ou cultura B, ou aliança A ou aliança B. Passa-se a adotar uma lógica do *ambos/e*: a língua A e a língua B, a cultura A e a cultura B. A tradução permite que reconheçamos a importância das identidades, das alianças e das diferenças, mas, simultaneamente, ela cria condições propícias para o diálogo e o intercâmbio. Há o reconhecimento da interdependência. Para mim, o trabalho com tradução é um projeto muito real em termos da trágica realidade política enfrentada pela Irlanda. Além dessa perspectiva política, há o lado cultural. Acho que os irlandeses sempre olham para si mesmos com o olhar da língua do dominador, como James Joyce deixa claro com a imagem do espelho quebrado da criada, que usa no início de *Ulysses (the cracked lookingglass of a servant)*. Nós, irlandeses, nos vemos segundo a imagem refletida do espelho da língua do senhor. Um dos perigos desse processo é que podemos internalizar

alguns aspectos dessa imagem e, assim, adotar certas formas de ver o mundo. Eu participei da fundação de uma instituição chamada *Ireland Literature Exchange*², que promove a tradução de obras da literatura irlandesa produzidas tanto em irlandês quanto em inglês para outras línguas. Foi uma tentativa de sair do círculo fechado e sufocante que é a relação exclusiva entre a Inglaterra e a Irlanda. Queríamos outras formas de envolvimento com o mundo e com outras línguas. A intenção também era verificar como a escrita ou a literatura irlandesa havia afetado outras partes do mundo e ver o que o irlandês, por meio da tradução, poderia aprender com as experiências de outros povos, outras línguas, outras literaturas etc. Foi uma combinação entre minhas convicções políticas, meu trabalho na área cultural e as ideias que estava desenvolvendo na teoria da tradução.

Entrevista concedida em inglês a Alessandra Ramos de Oliveira Harden, responsável por sua tradução para o português.

ANEXO

LIVROS PUBLICADOS³

CRONIN, Michael. *Translation goes to the movies*. London: Routledge, 2008.

CRONIN, Michael (ed.). *Transforming Ireland*. Manchester: Manchester University Press, 2008.

CRONIN, Michael. *Translation and identity*. London: Routledge, 2006.

CRONIN, Michael; Ó CUILLEANÁIN, Cormac (eds.). *The languages of Ireland*. Dublin: Four Courts Press, 2003.

CRONIN, Michael. *Translation and globalization*. London: Routledge, 2002.

CRONIN, Michael. *Across the lines: travel, language, translation*. Cork: Cork University Press, 2000.

CRONIN, Michael (ed.). *Unity in diversity? Current trends in Translation Studies*. Manchester: St. Jerome Press, 1998.

CRONIN, Michael. *Translating Ireland: translation, languages, cultures*. Cork: Cork University Press, 1996.

Notas

1. Michael Cronin refere-se aqui, mais especificamente, às seguintes obras:

DESLILE, J. and WOODSWORTH, J. (eds.). *Translators through history*. Philadelphia: Jonh Benjamins/Unesco, 1995.

BASSNETT, S. and LEFEVERE, A. (ed.). *Translation, history, and culture*. London/New York: Pinter Publishers, 1990, p. 1-13.

LEFEVERE, A. *Translation, rewriting and the manipulation of literary fame*. London/New York: Routledge, 1992.

VENUTI, L. (ed.) *Rethinking translation: discourse, subjectivity, ideology*. London/New York: Routledge, 1992.

2. Para mais informações sobre essa organização, visite a página <http://www.irelandliterature.com>.

3. Essas são apenas algumas das publicações de Michael Cronin. Dados mais completos sobre sua produção científica podem ser encontrados na página <http://webpages.dcu.ie/~croninm/>.